

Edna Maricel Fonseca Pimentel Visandule

# DESAFIOS DE FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS E IMIGRANTES LUSÓFONAS COM VIVÊNCIA MONOPARENTAL



ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

**Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica  
Área de especialização em Terapias Familiares e  
Sistémicas**

COIMBRA, 2021





# **Desafios de Famílias Transnacionais e Imigrantes Lusófonas com Vivência Monoparental**

**Edna Maricel Fonseca Pimentel Visandule**

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica  
Área de Especialização em Terapias Familiares e Sistémicas

**Orientadora:** Professora Doutora Sónia Guadalupe, Professora Auxiliar, ISMT

**Coimbra, Junho de 2021**



## **Agradecimentos**

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela vida que é a maior de todas dádivas. Ao meu amado esposo, amigo e companheiro Cícero Daniel por ser um modelo de coragem, pelo seu apoio incondicional e total ajuda na superação de obstáculos que foram surgindo durante a caminhada. Aos meus filhos queridos, Wittgenstein e Sárvia, que são a razão de tamanho esforço.

Aos meus pais António Pimentel e Augusta Laura, a eles dedico este trabalho. A todos os meus irmãos que contribuíram para meu bem-estar emocional durante toda a formação académica, a todos os amigos e colegas que tiveram ao meu lado durante essa fase os meus sinceros agradecimentos.

Em especial agradeço a minha orientadora Doutora Sonia Guadalupe pela disponibilidade, incentivo, pelas opiniões e críticas e pelo saber que transmitiu. Aos docentes pela participação e colaboração durante o percurso.

Ao Instituto Superior Miguel Torga, por ter aberto as portas e proporcionar um ambiente agradável e estável.

Por último, o meu agradecimento aos participantes que tiveram a gentileza de responder ao questionário.

## Resumo

**Objetivos:** O presente estudo tem como objetivo analisar as principais diferenças das famílias transnacionais com vivência monoparental e imigrantes lusófonas, comparativamente com famílias monoparentais residentes em Portugal.

**Metodologia:** Foi utilizada uma metodologia descritiva que recorre a técnicas quantitativas bivariadas, com recolha transversal de informação. Na recolha dos dados foram aplicadas duas versões de inquérito por questionário: “Famílias Monoparentais: Desafios Relacionais e Quotidianos” e “Imigração: Desafios Relacionais e Quotidianos de Famílias em vivência Monoparental oriundas dos PALOP e Brasil”.

**Participantes:** A amostra total é constituída por 118 participantes, dos quais 26 (22%) pertencem a famílias transnacionais e imigrantes em Portugal com vivência monoparental e 92 (78%) pertencem a famílias monoparentais da população geral.

**Resultados:** Foram observadas associações e diferenças estatisticamente significativas entre as subamostras relativamente ao tipo situação e motivo de monoparentalidade, vias de comunicação entre progenitores/figuras parentais, rede de suporte nas tarefas de cuidar, educação e acompanhamento dos filhos, necessidade de apoio ( $p < 0,001$ ) e frequência de contacto com a rede de suporte ( $p < 0,05$ ). As principais dificuldades de ambas as subamostras correspondem ao exercício solitário da monoparentalidade nas famílias transnacionais e imigrantes e na gestão do tempo/sobrecarga financeira nas famílias monoparentais da população geral.

**Conclusão:** Apesar das suas particularidades ambas as subamostras apresentam dificuldades e desafios semelhantes, enquanto famílias monoparentais ou de educador único.

**Palavras-Chave:** Desafios familiares, Famílias monoparentais, Transnacionalidade, Migração.

## Abstract

**Aims:** This study aims to analyze the main differences between transnational single-parent families and Lusophone immigrants, compared to single-parent families living in Portugal.

**Methods:** A descriptive methodology using bivariate quantitative analysis with cross-sectional data collection was used. Two versions of a questionnaire were applied in data collection: "Single-parent Families: Relational and Daily-live Challenges" and "Immigration: Relational and Quotidian Challenges of Single-parent Families from PALOP and Brazil".

**Participants:** The sample has 118 participants, of which 26 (22%) belong to transnational and immigrant families in Portugal with single-parent composition, and 92 (78%) belong to single-parent families from the general population.

**Results:** Statistically significant associations and differences were observed between the subsamples regarding the type of situation and reason for single parenthood, communication pathways between parental figures, support network for caring, educating, and accompanying children, need for support ( $p < 0.001$ ) and frequency of contact with the support network ( $p < 0.05$ ). The main difficulties in both subsamples correspond to the solitary exercise of single parenthood in transnational and immigrant families, and in time management/financial burden in single-parent families in the general population.

**Conclusion:** Despite their particularities, both sub-samples present similar difficulties and challenges as single-parent families.

**Keywords:** Family challenges, Lone parent families, Transnationality, Migration.

## Índice

Introdução.....	1
Objetivos.....	5
Material e Método.....	6
Método e procedimentos da recolha de informação.....	6
Instrumento da recolha de dados.....	7
Participantes.....	8
Análise estatística.....	10
Resultados.....	11
Discussão e Conclusão.....	21
Referências Bibliográficas.....	26

## Introdução

Em Portugal o fenómeno da migração tem uma enorme relevância social nos séculos XX e XXI, tanto como país emissor, como país de acolhimento. O sistema migratório português apresenta fluxos consistentes em diferentes fases, tanto no contexto intraeuropeu, como no transatlântico e no lusófono (Gois & Marques, 2016; Estevinho, 2012). No caso da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste), a vaga migratória teve início a partir do século XVI, como resultado da escravização, tornando-se na década de 1940 numa migração inter-regional (Baganha & Gois, 1999). Entre 1970-1980, deu-se a emigração e o retorno de portugueses e de angolanos para Portugal, devido à descolonização, o que levou à criação da Lei da Nacionalidade de 1975 e à existência de fluxos migratórios internacionais entre Portugal e o continente Africano (Gois & Marques, 2016). Posteriormente, entre 1994-2004, verificou-se o aumento do número de imigrantes devido ao lançamento de projetos de obras públicas de grandes dimensões, que careciam de mão-de-obra pouco qualificada, a qual foi recrutada nos PALOP (Borrego, 2016; Tavares, 2010). Nesta fase, a migração africana foi realizada no contexto de reunião familiar, ou seja, os migrantes recorreram à ajuda de familiares já instalados em Portugal (Peixoto, 2004).

Quanto à emigração brasileira com destino a Portugal, esta remonta aos exilados das ditaduras brasileiras e da mão-de-obra qualificada, incluindo-se posteriormente a mão-de-obra não qualificada, que assumiu destaque a partir da década de 2000 (Malheiros et al., 2007). As principais motivações destes migrantes englobam a ligação histórica, afinidade linguística, fuga da crise económica, frequência de estudos, casamento com estrangeiros, conhecimento da vida e da cultura do país, reconhecimento de igualdade de direitos no plano jurídico, obtenção de nacionalidade portuguesa, elevado investimento de empresas brasileiras, porta de entrada para outros países europeus, perceção de que Portugal é um país positivo e atrativo, através da divulgação de imagens e notícias na imprensa e na televisão (Pereira & Siqueira, 2013).

Em 2019, Portugal contava com 72.725 indivíduos imigrantes permanentes, isto é, as pessoas (nacionais ou estrangeiros) que deu entrada no país com a intenção de permanecer por um período igual ou superior a um ano, tendo residido no estrangeiro por um período contínuo igual ou superior a um ano, dos quais 58.033 são de nacionalidade estrangeira, e 37.639 são do sexo feminino sendo as faixas etárias mais representadas entre os 25-29 anos e os 30-34 anos de idade (Pordata, 2020). A população estrangeira residente em Portugal era constituída em

2019 por 588.976 indivíduos, tendo a maior parte origem na Europa, nos PALOP e no Brasil (Pordata, 2020). O principal motivo de entrada no país em 2019 por parte dos nacionais do Brasil, Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau é estudar, enquanto que para nacionais oriundos da Índia e do Nepal, comunidades cuja expressão tem aumentado, é o reagrupamento familiar (Oliveira, 2020). Portugal tem sido um país associado ao acolhimento de migrantes, sendo que “aparenta ser um país aberto à diversidade de culturas e um país hospitaleiro, tanto que os imigrantes se sentem bem e não pretendem abandonar o país” (Sousa & Gonçalves 2015, p. 548).

Neste contexto, um dos maiores desafios do século XXI refere-se à migração e ao seu impacto na sociedade, uma vez que esta potencia a construção de diversas filosofias de vida determinantes na construção da integridade familiar, ou seja, o processo de desenvolvimento normativo que ocorre ao longo da vida e que é afetado por diversos fatores individuais, familiares e sociais (Marques & Sousa, 2011). Para Sluzki (1979), o fenómeno migratório ocorre em cinco etapas: a) preparatória, onde as famílias manifestam diversas sensações, desde euforia, até sobrecarga, desânimo ou baixo desempenho nas suas funções (escola, trabalho, etc.); b) ato de migração, que difere consoante as necessidades, modo ou estilo da migração, levando à adaptação de uma nova realidade, cultura e sociedade; c) período de sobrecompensação, onde as famílias durante aproximadamente seis meses pensam sobre o possível retorno ao país de origem; d) período de descompensação, que ocorre quando as famílias percebem que o retorno não será realizado num curto/médio prazo, levando a conflitos e dificuldades (divórcio, separação forçada, trabalhos pouco qualificados ou que não correspondem às habilitações do casal); e) fenómenos transgeracionais, que ocorrem quando os conflitos ou dificuldades persistem, podendo refletir-se na segunda geração.

Assim, o fenómeno de imigração pode revestir-se de ambiguidade, pois, por um lado a mudança pode ser vivenciada de forma positiva, consoante os recursos psicossociais, características do meio envolvente e condições de acolhimento do país recetor. Por outro lado, a mudança pode ser traumática, causando rutura, perda de linguagem, separação de familiares, vazio emocional e perda da inserção na comunidade, levando a um maior isolamento, vulnerabilidade e sofrimento individual e familiar (Falicov, 2016; Ramos, 2006).

Quando a migração é realizada apenas por um membro da família (pais/mães que deixam as famílias para ir trabalhar no estrangeiro; uma criança que vai viver com outros familiares; etc.), está-se perante uma família transnacional. Esta tipologia de família caracteriza-se por estar dividida entre dois ou mais países, onde a parentalidade é exercida à distância, recorrendo a diversos meios de comunicação e tecnologias (Gonzálvez, 2007; Grassi & Vivet, 2015;

Risson, 2019; Schuler & Dias, 2016). Este processo implica a desterritorialização das relações familiares, manutenção do casamento à distância, paternidade semi-presencial, envio de remessas (dinheiro, prendas), manutenção económica e social, inclusão de colegas/amigos no seio familiar e uma maior vulnerabilidade social (Carvajal, 2014).

No nível familiar, a transnacionalidade tem diversas implicações relacionadas com os desafios dos fenómenos migratórios, mas também com as condições de acolhimento e de integração social encontradas nos países de destino. Estas implicações expressam-se sobretudo em quatro vertentes: a) o capital humano, ou seja, as capacidades, conhecimentos, experiências e habilitações académicas do indivíduo que emigra, que potenciam a probabilidade de ter um emprego mais ou menos qualificado (Cho & Allen, 2019; Hennebry & Preibisch, 2012); b) a localização do indivíduo, que se irá refletir na rede relacional de contactos, apoio social, idioma e cultura (Cho & Allen, 2019); c) o grau de dispersão entre os membros familiares, podendo residir em dois ou em mais países diferentes (Amin & Ingman, 2014; Cho & Allen, 2019); d) a duração da separação, podendo ser de curto, médio ou longo prazo (Cho & Allen, 2019).

Para Mercer (2012), a ausência dos membros familiares que emigram reflete-se no resto da família como se fosse luto, abandono ou perda. Neste contexto, é de realçar que a família transnacional origina novas formas de parentalidade, redefinição de papéis e construção de relações a distância entre pais/mães e filhos (Carvajal, 2014; Portes, 2005; Zentgraf & Chinchilla, 2012). A parentalidade corresponde ao desenvolvimento de funções associadas ao cuidado, educação e formação, limitando-se aos laços de consanguinidade ou filiação, apesar de poder ser realizada por outras pessoas com laços afetivos em comum (Barudy & Dantagnan, 2006; Claude, 2005).

As famílias transnacionais e imigrantes enfrentam inúmeros desafios associados à parentalidade e à conjugalidade. Um desses desafios refere-se à monoparentalidade, causada pelo afastamento ou separação temporária ou não temporária de um progenitor. Segundo dados da Pordata (2020), em 2019, existiam 459.344 famílias monoparentais residentes em Portugal, das quais 391.568 eram agregados familiares monoparentais femininos, enquanto 67.776 eram agregados familiares monoparentais masculinos.

A monoparentalidade é frequentemente associada à família transnacional, que ocorre quando a criança está apenas sob o cuidado de um progenitor, uma vez que o outro progenitor reside noutro país (Schuler & Dias, 2016). Assim, as crianças devem assumir um papel essencial na decisão familiar sobre a migração, uma vez que o seu desenvolvimento infantil e juvenil, assim como o desenvolvimento de uma comunicação saudável e de uma relação próxima entre pais e filhos irá determinar a adaptação do sistema familiar face à nova realidade

familiar e sociocultural (White et al., 2011).

Na família transnacional, o progenitor migrante que fica no país de origem pode recorrer a diversos meios para compensar a sua ausência, tais como: manutenção do vínculo afetivo, definição de estratégias de comunicação, construção de redes familiares, cumprimento das funções parentais (mesmo que à distância), garantia de cuidado físico, emocional ou psicológico dos filhos (Zapata, 2009).

Diversos estudos mostram que quando as crianças não são consideradas na decisão sobre a migração, as mesmas poderão sentir-se abandonadas, incompreendidas, com baixa autoestima, falta de suporte emocional, tendência a manifestar sintomas depressivos durante o seu desenvolvimento ou a tornarem-se obsessivas a nível material (Bonizzoni et al., 2013; Schuler & Dias, 2016; Ximena, 2005). Algumas crianças sentem maior desgaste psicológico quando são as mães a migrarem, podendo recorrer a técnicas de retaliação, tais como: indiferença ou rebeldia para com o progenitor migrante, o que por sua vez cria sentimentos de angústia, culpa e sofrimento emocional às mães que sentem que falharam ou que não são boas mães (Dreby, 2007; Parreñas, 2001, 2005; Schmalzbauer, 2004). Também pode ocorrer o caso de as crianças serem indiferentes à decisão da migração/família transnacional, comparativamente às outras crianças que residem com ambos os pais no país de origem (Mazzucato et al., 2015).

Quando a separação é realizada a curto prazo e a relação entre pais e filhos é sólida, então, a criação da família transnacional será mais facilitada (Bonizzoni et al., 2013). Em contrapartida, quanto maior o percurso entre a separação e a reunificação, maiores as dificuldades, na medida em que os pais experienciam sentimentos, tais como: decepção, stresse, depressão, falta de autoridade sobre os filhos (Falicov, 2016). Já os filhos experienciam sentimentos que se irão refletir na sua saúde mental, bem-estar e desenvolvimento socio-emocional, sobretudo em casos de deportação, levando a que sintam vergonha, preconceito, perda de apoio social, medo ou traumas, privação emocional ou financeira (Bornstein et al., 2020; Dreby, 2015; Rojas-Flores et al., 2017).

Por todas estas mudanças, importa referir que a migração conduz a novos padrões, valores e modos de funcionamento no universo familiar dos migrantes, estendendo-se desde a não realização de atividades em conjunto entre pais e filhos, entre os restantes familiares e entre os amigos, até ao surgimento de reclamações e ressentimentos, aumento das carências, sentimento de vazio e falta de disponibilidade (Sluzki, 1998). Todos estes fatores levam a que os indivíduos estejam mais vulneráveis do ponto de vista psíquico, devido à rutura com o seu contexto de origem (Becker & Borges, 2015; Becker, Borges & Crepaldi, 2017). Para além da saúde

psicológica, a saúde física também pode ser afetada, o que potencia o stresse psicológico e social, dificuldade na adaptação cultural e resistência ao ambiente social (Achotegui, 2008; Franken, Coutinho & Ramos, 2008).

Algumas dificuldades de adaptação cultural referem-se à diferença linguística e cultural, receção negativa no país de acolhimento e dificuldades de inserção e inclusão na comunidade a nível laboral e social, que podem ser disruptivos psicológica e socialmente (Falicov, 2016; Franken et al., 2012; Achotegui, 2008; Caplan, 2007; Dantas, 2017; Mühlen et al., 2010)

A experiência de aculturação é favorecida por uma rede de apoio social que disponibilize apoio emocional, companhia social, conselhos, apoio material, acesso aos serviços e a novos contactos, permitindo resolver eventuais conflitos que possam surgir (Dantas, 2017). A rede de apoio pode englobar laços primários e secundários, tais como os profissionais de saúde e outros profissionais de serviços de migração e serviços sociais (Bäckström, 2010; Bornstein et al., 2020), favorecendo a sua integração e a reunificação familiar, quando aplicável (Bornstein et al., 2020).

As implicações da migração na dinâmica familiar dependem de múltiplas variáveis que se prendem com as condições de partida do seu local de origem, as condições da comunidade de acolhimento, a estrutura e funcionamento da família e o suporte social.

## **Objetivos**

O presente estudo pretende analisar as principais diferenças das famílias transnacionais com vivência monoparental e imigrantes lusófonas, comparativamente com famílias monoparentais residentes em Portugal.

Quanto aos objetivos específicos, elencam-se os seguintes: Analisar a existência de semelhanças e diferenças significativas no exercício da monoparentalidade entre as duas amostras em análise, consoante características sociodemográficas, socioprofissionais e sociofamiliares; Caracterizar desafios da monoparentalidade e responsabilidades nas duas amostras; Caracterizar a rede de suporte social e informal das famílias das amostras em comparação;

Assim, a hipótese central do estudo é a seguinte: as famílias transnacionais e imigrantes com vivência monoparental apresentam um nível de desafio multidimensional acrescido e um nível de suporte mais baixo do que as outras famílias monoparentais residentes em Portugal.

## Material e Método

### Método e procedimentos da recolha de informação

Trata-se de um estudo descritivo que recorre a técnicas quantitativas bivariadas, com recolha transversal de informação.

Os dados do presente estudo foram obtidos através de um inquérito por questionário com duas versões: “Famílias Monoparentais: Desafios Relacionais e Quotidianos” e “Imigração: Desafios Relacionais e Quotidianos de Famílias em vivência Monoparental oriundas dos PALOP e Brasil”. A primeira versão era dirigida a famílias monoparentais residentes em Portugal, tendo a recolha decorrido entre Fevereiro e Março de 2020, a segunda versão do questionário foi adaptada do primeiro pela autora da presente dissertação, complementada com questões específicas relativas à imigração e transnacionalidade, tendo a recolha decorrido entre os meses de fevereiro e novembro de 2020.

O presente estudo usa uma amostra com duas subamostras, ambas constituídas por mães/pais sem cônjuge que vivem sozinhas/os com os seus filhos, mães/pais sem cônjuge que vivem com os seus filhos e outras pessoas, mães/pais sem cônjuge que têm filhos dependentes até aos 25 anos de idade. A primeira amostra de famílias monoparentais é proveniente da população geral, a segunda amostra é constituída por famílias transnacionais e de imigração lusófona com vivência monoparental. A amostra populacional utilizada para este estudo foi definida com o intuito de corresponder ao objeto alvo de investigação, nomeadamente a subamostra de famílias transnacionais com vivência monoparental.

Para a elaboração deste estudo selecionou-se uma amostra não probabilística ou intencional heterogénea, onde a amostra inicial que representa a variável é intencionalmente selecionada, tendo sido complementada com a técnica de bola de neve e acidental (Ribeiro, 2010).

Os dados foram recolhidos através de formato *online* via *Google Forms*, sendo o tempo médio de preenchimento aproximadamente de quinze minutos. Todos os inquéritos por questionários em formato online foram de autopreenchimento pelos inquiridos, sem intervenção por parte dos investigadores e garantiram a confidencialidade do inquirido. Antes do preenchimento dos inquéritos por questionários, os inquiridos foram informados sobre os objetivos e a forma de processamento da investigação, assim como, que os dados obtidos seriam apenas utilizados para o desenvolvimento da base de dados e para o subsequente tratamento, zelando pela privacidade e anonimato dos mesmos. Apenas os inquiridos que assinalavam o consentimento informado e livre, prosseguiram no preenchimento dos

questionários.

### **Instrumento da recolha de dados**

Para a recolha dos dados para o presente estudo, foi utilizado o inquérito por questionário desenvolvido por uma equipa de intervenção do Gabinete de Intervenção Sistémica (GIS) e do Departamento de Investigação & Desenvolvimento (DI&D) do Instituto Superior Miguel Torga, com duas versões, constituído por nove seções (as primeiras 8 são seções comuns a ambas as versões, sendo a seção 9 específica da segunda versão do questionário, tendo sido complementada a seção 2 com questões específicas):

1. Características sociodemográficas e socioprofissionais (formada por questões relativas ao género, idade, estado civil atual, morada, país de origem, nacionalidade, zona de residência, habilitações literárias, profissão atual, situação profissional, vínculo laboral, turnos, regime de tempo, conciliação trabalho-família, tempo que a pessoa tem para si própria e principais fontes de rendimento);

2. Agregado familiar e monoparentalidade (com questões relativas à composição do agregado familiar atual – antes e depois da migração, idade ao nascimento do primeiro filho, se os filhos vivem todos com a pessoa, motivo da situação atual de monoparentalidade, idade quando se divorciou/separou ou ficou viúva, tempo de vivência em situação de monoparentalidade e se sempre viveu nesta situação);

3. Características da residência (adequação da habitação à família, se tem condições e conforto, se conhece o arrendamento apoiado para as famílias monoparentais, se usufrui deste apoio e se modificou a situação residencial para se adaptar às circunstâncias atuais da família);

4. Responsabilidades parentais e residência (responsabilidades parentais, acordos e residência entre os progenitores, distância entre as residências dos progenitores, cumprimento do acordo de residência e pensão de alimentos, conhecimento do fundo de garantia de alimentos devidos a menores, se usufrui deste fundo, classificação do nível de desafio que constitui a vivência de monoparentalidade e respetivas vantagens/desvantagens);

5. Relação com o outro progenitor ou figura parental (caracterização da relação com o outro progenitor ou figura parental, via de comunicação entre os mesmos e classificação do nível de desafio relacional com o outro progenitor ou figura parental);

6. Relação pais-filhos (tipo de relação dominante entre pais e filhos, relação do filho com o outro progenitor e se existe algum filho com necessidades especiais);

7. Rede de suporte social informal (apoio nas tarefas de cuidar, educar e acompanhar o(s) seu(s) filho(s), quais das pessoas referidas lhes dão apoio mais efetivo e frequente, se estas pessoas vivem próximo da família em questão, frequência de contacto com a rede de suporte,

nível de apoio da rede de suporte, nível de satisfação com o apoio que recebe da rede informal e se a pessoa se sente só na tomada de decisões familiares);

8. Saúde mental, solidão, satisfação com a vida e *coping* resiliente – inclui a Escala de Saúde Mental (MHI-5) (Ribeiro, 2001), a Escala de Solidão (UCLA) (Neto, 1989), a Escala de Satisfação com a Vida (Simões, 1992) e a Escala Breve de Coping Resiliente (Ribeiro & Morais, 2010);

9. Famílias de vivência monoparental imigrantes em Portugal (tempo de migração, motivos da migração voluntária, elemento da família que não se encontra a viver com a família e porquê, dificuldades da condição de emigrante, fatores facilitadores de integração na nova sociedade, dificuldades na chegada ao país, integração intercultural entre a sua comunidade e a comunidade portuguesa, grau de satisfação com a decisão de ter vindo para Portugal, tipo de estratégia utilizada para se adaptar à nova cultura e como imagina a sua situação familiar daqui a 2 anos).

## Participantes

A amostra total é formada por 118 participantes, dos quais 26 (22,0%) pertencem a famílias transnacionais imigrantes em Portugal com vivência monoparental e 92 (78,0%) pertencem a famílias monoparentais da população geral, correspondendo a duas subamostras diferentes que foram comparadas (Tabela 1). A subamostra formada por famílias monoparentais da população geral será designada por “FMPoG”, enquanto que a subamostra das famílias transnacionais e imigrantes lusófonas com vivência monoparental em Portugal será designada por “FImig”.

Observou-se que as famílias da subamostra FImig são formadas por 24 participantes do sexo feminino (92,3%) e por 2 participantes do sexo masculino (7,7%). No total da amostra, evidencia-se a elevada proporção de elementos do sexo feminino (92,4%) comparativamente ao número de elementos do sexo masculino (7,6%).

No que se refere ao grupo etário, verifica-se que a amostra total é formada, na sua maioria, por indivíduos com idade compreendida entre os 40-49 anos (55,1%). Um facto interessante é que na subamostra FImig nenhum indivíduo tem idade  $\geq 50$  anos, em detrimento da subamostra FMPoG (15,2%). Também se afere que a amostra da FMPoG apresenta uma idade média superior à amostra FImig (FMPoG:  $M = 42,59$  anos;  $DP = 7,326$ ; FImig:  $M = 38,27$  anos;  $DP = 6,949$ ). Relativamente aos intervalos, a amostra FMPoG situa-se entre [20-60 anos], enquanto que a FImig situa-se entre [25-46 anos].

No estado civil, observa-se que a maioria dos indivíduos são divorciados/separados

(48,3%), seguidos dos indivíduos solteiros (38,1%). É de destacar a existência de indivíduos casados/união de facto, na subamostra FImig, uma vez que se trata de famílias imigrantes em Portugal com vivência monoparental.

Também se verificam diferenças na distribuição das variáveis, com maior proporção de indivíduos na FImig que são casados/união de facto ( $p < 0,001$ ).

No que concerne às habilitações literárias, a maioria dos indivíduos tem um curso superior (bacharelato ou licenciatura) (55,1%), seguidos dos indivíduos que têm um curso superior avançado (mestrado, doutoramento) (22,0%), havendo diferenças na distribuição das variáveis, com maior proporção de indivíduos com o ensino secundário e com curso superior avançado na FImig ( $p < 0,001$ ).

Também na Tabela 1, foram analisadas as associações existentes entre as variáveis sociodemográficas, através do teste de independência do Qui-quadrado e do teste V de Cramer. Assim, através da utilização do teste de independência do Qui-quadrado e do teste V de Cramer, verifica-se a existência de diferenças estatisticamente significativas em relação ao grupo etário, estado civil e habilitações literárias ( $p < 0,001$ ). Isto sugere que a subamostra FImig engloba mais indivíduos com idade  $< 30$  anos, bem como, mais indivíduos com o ensino secundário ou curso superior avançado.

Tabela 1.  
Caraterísticas sociodemográficas segundo as subamostras

	FMPoG <i>n</i> = 92 (78,0%)		FImig <i>n</i> = 26 (22,0%)		Total <i>N</i> = 118 (100%)		Testes Estatísticos
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	
<b>Género</b>							
Feminino	85	92,4	24	92,3	109	92,4	$\chi^2 =$ 0,431 <sup>ns</sup> $\Phi =$ 0,051 <sup>ns</sup>
Masculino	7	7,6	2	7,7	9	7,6	
<b>Grupo Etário</b>							
<30	2	2,2	5	19,2	7	5,9	$\chi^2 =$ 26,858 <sup>***</sup> $\phi c =$ 0,289 <sup>***</sup>
30 – 39	25	27,2	7	26,9	32	27,1	
40 – 49	51	55,4	14	53,8	65	55,1	
>= 50	14	15,2	0	0	14	11,9	
<b>Estado Civil</b>							
Solteiro	32	34,8	13	50,0	45	38,1	$\chi^2 =$ 144,354 <sup>***</sup> $\phi c =$ 0,670 <sup>***</sup>
Casado/União de facto	0	0	11	42,3	11	9,3	
Divorciado/Separado	55	59,8	2	7,7	57	48,3	
Viúvo	5	5,4	0	0	5	4,2	
<b>Habilitações Literárias</b>							
6.º Ano (Ensino preparatório / 2.º ciclo do ensino básico)	1	1,1	0	0	1	0,8	$\chi^2 =$ 11,487 <sup>***</sup> $\phi c =$ 0,189 <sup>***</sup>
9.º ano (3.º ciclo do ensino básico)	4	4,3	1	3,8	5	4,2	
12.º ano (ensino secundário)	14	15,2	7	26,9	21	17,8	
Curso superior (bacharelato, licenciatura)	54	58,7	11	42,3	65	55,1	
Curso superior avançado (mestrado, doutoramento)	19	20,7	7	26,9	26	22,0	

Notas: *n* = número total de sujeitos;  $\chi^2$  = teste do Qui-Quadrado;  $\phi c$  = V de Cramer;  $\Phi$  = Phi; *p* = nível de significância; <sup>ns</sup> Não significativo; \**p* < 0,05; \*\**p* < 0.01; \*\*\**p* < 0.001.

### Análise estatística

Para o tratamento estatístico dos dados foi utilizado o *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 22.0. Através deste software, foram determinadas estatísticas descritivas e medidas de tendência central e de dispersão das variáveis centrais do estudo.

Para além disso, foram testadas a normalidade das variáveis através do teste de Kolmogorov-Smirnov considerando que, quando *p* > 0,05, a amostra segue uma distribuição normal e, quando *p* < 0,05, observa-se a violação da normalidade da distribuição. Uma vez que se verificou a violação da normalidade na maioria das variáveis, optou-se pelo uso de testes não paramétricos. Desse modo, foi utilizado o teste do Qui-Quadrado para explorar a existência de associações significativas, consoante as variáveis sociodemográficas, complementado com o teste V de Cramer para caracterizar a intensidade e direção da associação entre as variáveis.

Por último, foi utilizado o teste U de Mann-Whitney para averiguar a existência de diferenças significativas entre as subamostras das características da rede social pessoal e do nível de desafio que engloba a vivência monoparental.

## Resultados

Na Tabela 2, caracterização socioprofissional e dificuldades das subamostras, verifica-se que na situação profissional existem diferenças entre a FMPoG e FImig relativamente ao vínculo laboral de empregados por conta de outrem (FMPoG: 81,5%; FImig: 38,5%), vínculo laboral de empregados por conta própria (FMPoG: 10,9%; FImig: 23,1%) e desempregados/a sem subsídio de desemprego (FMPoG: 1,1%; FImig: 11,5%), havendo diferenças na distribuição das variáveis, com maior proporção de indivíduos que são empregados por conta própria na FImig ( $p < 0,001$ ).

Quanto ao horário laboral, afere-se que a maioria da subamostra formada pela população geral trabalha sem turnos (FMPoG: 82,6%; FImig: 42,3%). Também é de destacar a subamostra que não trabalha ou em que a situação de turnos não se aplica (FMPoG: 10,9%; FImig: 34,6%), havendo diferenças na distribuição das variáveis, com maior proporção de indivíduos que não trabalham ou aos quais não se aplica a situação, na FImig ( $p < 0,001$ ).

No que se refere às principais dificuldades ao nível da conciliação trabalho-família, observa-se que a subamostra FImig apenas referiu duas dificuldades, nomeadamente, a conciliação do horário laboral com o horário escolar e a falta de tempo para desenvolver outras atividades gratificantes/momentos de lazer. A principal dificuldade mencionada por ambas as subamostras é a conciliação do horário laboral com o horário escolar, com maior proporção de indivíduos na FImig (FMPoG: 65,9%; FImig: 71,5%).

Por sua vez, no tempo para si próprio/face ao tempo para o trabalho e para a família, as opiniões dividem-se entre o muito pouco tempo e pouco tempo referido pela FMPoG (60,60%), em detrimento do tempo moderado referido pela FImig (52,4%), com maior proporção de indivíduos na FImig com tempo moderado, algum tempo ou muito tempo para si próprio.

Recorrendo ao teste de independência do Qui-quadrado e ao teste V de Cramer, foram evidenciadas associações significativas entre as variáveis da situação profissional, turnos ( $p < 0,001$ ), não tendo sido observadas associações significativas na variável de dificuldades a nível da conciliação trabalho-família e tempo para si próprio/face ao tempo para o trabalho e para a família. Também se observou que a subamostra FImig engloba mais indivíduos que são

empregados por conta própria, bem como, mais indivíduos que não trabalham ou aos quais não se aplica a situação.

Tabela 2.  
*Características socioprofissionais e dificuldades nas subamostras*

	FMPoG <i>n</i> = 92 (78,0%)		FImig <i>n</i> = 26 (22,0%)		Total <i>N</i> = 118 (100%)		Testes Estatísticos
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	
<b>Situação Profissional</b>							
Empregado/a por conta própria	10	10,9	6	23,1	16	13,6	
Empregado/a por conta de outrem	75	81,5	10	38,5	85	72,0	
Desempregado/a com subsídio de desemprego	3	3,3	3	11,5	6	5,1	$\chi^2 = 28,801^{***}$ $\phi c = 0,494^{***}$
Desempregado/a sem subsídio de desemprego	1	1,1	3	11,5	4	3,4	
Reformado/a	1	1,1	1	3,8	2	1,7	
Outra	2	2,2	3	11,5	5	4,2	
<b>Turnos</b>							
Trabalho por turnos	6	6,5	6	23,1	12	10,2	$\chi^2 = 17,027^{***}$ $\phi c = 0,380^{***}$
Trabalho sem turnos	76	82,6	11	42,3	87	73,7	
Não trabalho / não se aplica à minha situação	10	10,9	9	34,6	19	16,1	
<b>Dificuldades ao nível da conciliação trabalho-família</b>							
Conciliação do horário laboral com o horário escolar	27	65,9	5	71,5	28	62,2	$\chi^2 = 6,153^{ns}$ $\phi c = 0,370^{ns}$
Falta de Apoio da Rede de Suporte ou Inexistência da mesma	4	9,8	0	0	4	8,9	
Distância trabalho-casa	1	2,4	0	0	1	2,2	
Sobrecarga física e emocional	1	2,4	0	0	1	2,2	
Falta de tempo para desenvolver outras atividades gratificantes/momentos de lazer	8	19,5	2	28,6	11	24,4	
<b>Tempo para si próprio/a face ao tempo para o trabalho e para a família</b>							
Muito pouco tempo	27	30,3	1	4,8	28	25,5	$\chi^2 = 9,014^{ns}$ $\phi c = 0,286^{ns}$
Pouco tempo	27	30,3	5	23,8	32	29,1	
Tempo moderado	23	25,8	11	52,4	34	30,9	
Algum tempo	10	11,2	3	14,3	13	11,8	
Muito tempo	2	2,2	1	4,8	3	2,7	

Notas: *n* = número total de sujeitos;  $\chi^2$  = teste do Qui-Quadrado;  $\phi c$  = *V* de Cramer; *p* = nível de significância; <sup>ns</sup> Não significativo; \**p* < 0,05; \*\**p* < 0,01; \*\*\**p* < 0,001.

Na Tabela 3, situação de monoparentalidade das subamostras, afere-se que em ambas as subamostras predomina o tipo de família monoparental simples, apesar de ser mais evidente na população geral (FMPoG: 87,0%; FImig: 65,4%), existindo maior proporção de indivíduos na FImig que apresentam uma família monoparental simples alargada (*p* < 0,001).

Quanto aos filhos, observa-se que em ambas as subamostras predomina os membros fratrias, existindo maior proporção na FImig (FMPoG: 70,8%; FImig: 73,1%).

Quando questionado sobre se os participantes viveram sempre numa situação de

monoparentalidade, ambas as subamostras responderam negativamente (FMPoG: 89,1%; FImig: 65,4%), existindo maior proporção que respondeu afirmativamente na FImig ( $p < 0,01$ ).

Por sua vez, no motivo da situação atual de monoparentalidade, as respostas dividiram-se entre ambas as subamostras, com a FMPoG a indicar o divórcio (44,6%) e a separação (43,5%) como principais motivos, existindo maior proporção na FImig que indicou o facto de ter filhos fora de uma relação (21,1%), com  $p < 0,001$ .

Através do teste de independência do Qui-quadrado e do teste V de Cramer, foram evidenciadas associações significativas entre as variáveis do tipo de monoparentalidade e o motivo da situação atual de monoparentalidade ( $p < 0,001$ ) e viveu sempre uma situação de monoparentalidade ( $p < 0,01$ ), não tendo sido observadas associações significativas na variável filhos. Isto sugere que a subamostra FImig engloba mais indivíduos que apresentam famílias monoparentais simples alargadas, bem como, mais indivíduos com membros fratrias e que tiveram filhos fora de uma relação.

Tabela 3.

*Situação de monoparentalidade das subamostras*

	FMPoG <i>n</i> = 92 (78,0%)		FImig <i>n</i> = 26 (22,0%)		Total <i>N</i> = 118 (100%)		Testes Estatísticos
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	
Tipo de monoparentalidade							
Família monoparental simples	80	87,0	17	65,4	97	82,2	$x^2 = 9,584^{***}$ $\phi c = 0,285^{***}$
Família monoparental simples alargada	9	9,8	7	26,9	16	13,6	
Família monoparental múltipla	1	1,1	2	7,7	3	2,5	
Família monoparental sem coabitação com filhos	2	2,2	0	0	2	1,7	
Filhos							
Filho Único	26	29,2	7	26,9	33	28,7	$x^2 = 0,052^{ns}$ $\phi c = 0,021^{ns}$
Membros fratrias	63	70,8	19	73,1	82	71,3	
Viveu sempre uma situação de monoparentalidade?							
Não	82	89,1	17	65,4	26	22,0	$x^2 = 6,795^{**}$ $\phi c = 0,268^{**}$
Sim	10	10,9	9	34,6	92	78,0	
Motivo da situação atual de monoparentalidade							
Divórcio	41	44,6	1	5,3	42	37,8	$x^2 = 33,885^{***}$ $\phi c = 0,553^{***}$
Separação	40	43,5	8	42,1	48	43,2	
Viuvez	5	5,4	1	5,3	6	5,4	
Abandono familiar / Desaparecimento	2	2,2	0	0	2	1,8	
Adoção Singular	1	1,1	3	15,8	4	3,6	
Teve filhos fora de uma relação	3	3,3	4	21,1	7	6,3	
Fez procriação medicamente assistida, de forma autónoma	0	0	1	5,3	1	0,9	
Acolhimento/Apadrinhamento civil de criança ou jovem sem laço familiar	0	0	1	5,3	1	0,9	

Notas: *n* = número total de sujeitos;  $x^2$  = teste do Qui-Quadrado;  $\phi c$  = V de Cramer; *p* = nível de significância; <sup>ns</sup> Não significativo; \* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,01$ ; \*\*\* $p < 0,001$ .

Como se pode observar na Tabela 4, as famílias transnacionais com vivência monoparental residem em Portugal com os filhos no período de entre 1-4 anos (60,0%), devido à procura de

educação e saúde para os filhos (53,8%), sendo o marido o elemento que não se encontra a viver com a família (87,5%), o que explica o facto de serem famílias com vivência monoparental. Quanto às principais dificuldades enquanto imigrante, a subamostra FImig indicou a falta de trabalho (25,0%) e burocratização (20,0%), enquanto os principais fatores facilitadores foram os culturais (50,0%) e educativos (23,1%). Quando chegaram a Portugal, estas famílias sentiram maior dificuldade em adaptar-se ao clima (56,0%), uma vez que o clima de Portugal é diferente do clima dos respetivos países de cada família (África do Sul e Brasil). Para que a sua adaptação à nova cultura fosse bem-sucedida, as estratégias utilizadas foram o contacto com amigos (34,6%) e convívio com pessoas de outras comunidades (23,1%). De modo geral, a subamostra FImig imagina que a sua situação familiar daqui a dois anos será melhor do que atualmente (76,0%).

Tabela 4.  
*Caraterísticas da migração e da vivência em Portugal*

	FImig n = 26 (100,0%)	
	<i>n</i>	%
Tempo em Portugal com os filhos		
< 1 ano	3	12,0
1-4 anos	15	60,0
5-9 anos	4	16,0
15-19 anos	1	4,0
≥ 20 anos	2	8,0
Motivos de emigração		
Melhores condições de vida para a família	3	11,5
Oportunidade de trabalho	1	3,8
Segurança	2	7,7
Educação e saúde para os filhos	14	53,8
Outros	6	23,1
Elemento da família que não se encontra a viver com a família		
Marido	7	87,5
Filhos	1	12,5
Dificuldades da emigração		
Falta de trabalho	5	25,0
Financeira	2	10,0
Saúde	2	10,0
Solidão	1	5,0
Preconceito	3	15,0
Burocratização	4	20,0
Comunicação	1	5,0
Saudades	2	10,0
Fatores facilitadores na integração na sociedade		
Culturais	13	50,0
Valores e atitudes positivas	2	7,7
Religiosos	1	3,8
Jurídicos	1	3,8
Educativos	6	23,1
Relacionais	3	11,5
Dificuldades aquando a chegada ao país		
Adaptação cultural	3	12,0

	FImig n = 26 (100,0%)	
	<i>n</i>	%
Relacionais	3	12,0
Climáticas	14	56,0
Outro tipo	5	20,0
Estratégia para adaptação à nova cultura		
Contacto com amigos	9	34,6
Convívio com pessoas da mesma comunidade	4	15,4
Convívio com pessoas de outras comunidades	6	23,1
Comunidade religiosa de que é membro	4	15,4
Outra	3	11,5
Como imagina a situação familiar daqui a dois anos		
Todos juntos	3	12,0
Melhor	19	76,0
Incerta	1	4,0
Retorno ao país de origem	2	8,0

Na Tabela 5, responsabilidades parentais, dificuldades e vantagens da monoparentalidade das subamostras, observa-se que em ambas as subamostras predomina as responsabilidades confiadas a um dos progenitores/figura parental, existindo maior proporção na FImig (FMPoG: 60,9%; FImig: 65,4%).

Nas principais dificuldades, enumeram-se para a FMPoG a gestão do tempo e sobrecarga financeira (ambas com 21,7%), existindo maior proporção na FImig no exercício solitário da monoparentalidade (47,8%), sobrecarga financeira (39,1%) e incumprimento das responsabilidades parentais.

Por sua vez, nas principais vantagens ambas as subamostras destacaram o reforço da proximidade parento-filial (FMPoG: 31,3%; FImig: 44,4%) e a autonomia na tomada de decisões (FMPoG: 23,4%; FImig: 44,4%), existindo maior proporção na FImig.

Recorrendo ao teste de independência do Qui-quadrado e ao teste V de Cramer, não foram verificadas associações significativas nas variáveis das responsabilidades parentais, dificuldades e vantagens da monoparentalidade.

Tabela 5.  
*Responsabilidades parentais, dificuldades e vantagens da monoparentalidade segundo as subamostras*

	FMPoG		FImig		Total		Testes Estatísticos
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	
Responsabilidades parentais							
Partilhadas	36	39,1	9	34,6	45	38,5	$x^2 = 0,036^{ns}$ $\phi c = 0,039^{ns}$
Confiadas a um dos progenitores / figura parental	56	60,9	17	65,4	72	61,5	
Principais Dificuldades da Monoparentalidade							
Dificuldades relacionais no subsistema parental	12	14,5	0	0	12	11,3	$x^2 = 11,983^{ns}$ $\phi c = 0,336^{ns}$
Sobrecarga emocional/cansaço	17	20,5	0	0	17	16,0	
Exercício solitário da monoparentalidade	11	13,3	11	47,8	18	17,0	
Gestão do tempo	18	21,7	0	0	18	17,0	
Sobrecarga financeira	18	21,7	9	39,1	27	25,5	
Ausência de uma rede de suporte	6	7,2	0	0	6	5,7	
Incumprimento das responsabilidades parentais	1	1,2	3	13,0	4	3,8	
Principais Vantagens da Monoparentalidade							
Reforço da proximidade parento-filial	20	31,3	4	44,4	24	32,9	$x^2 = 8,287^{ns}$ $\phi c = 0,342^{ns}$
Ausência de conflito parental	10	15,6	1	11,1	11	15,1	
Estabilidade emocional	12	18,8	0	0	12	16,4	
Tempo de lazer/ Mais tempo para si mesmo/a	4	6,3	0	0	4	5,5	
Autonomia na tomada de decisões	15	23,4	4	44,4	19	26,0	
Ausência de conflito parental/Estabilidade emocional	3	4,7	0	0	3	4,1	

Notas: *n* = número total de sujeitos;  $x^2$  = teste do Qui-Quadrado;  $\phi c$  = V de Cramer; *p* = nível de significância; <sup>ns</sup> Não significativo.

Na Tabela 6, relações parentais e filio-parentais das subamostras, observa-se que em ambas as subamostras predomina uma relação cordial com o outro progenitor/figura parental, existindo maior proporção na FImig (FMPoG: 28,7%; FImig: 38,5%), assim como, uma relação muito próxima (FMPoG: 8,0%; FImig: 26,9%) ou a não existência de outro progenitor (FMPoG: 1,1%; FImig: 7,7%).

Quanto às vias de comunicação, a mais privilegiada é a comunicação por telefone, com maior proporção na FImig (FMPoG: 33,7%; FImig: 50,0%), seguida da comunicação por mensagem escrita (FMPoG: 22,5%; FImig: 11,5%) e da comunicação face a face (FMPoG: 20,2%; FImig: 15,4%), onde predomina a população geral, havendo diferenças na distribuição das variáveis, com maior proporção de indivíduos na FImig que comunicam por telefone ( $p < 0,01$ ).

Na relação dos filhos com o outro progenitor/figura parental, a mesma é distante (FMPoG: 26,4%; FImig: 19,2%), com maior proporção de indivíduos na FImig que apresenta uma relação próxima (FMPoG: 31,0%; FImig: 26,9%) e muito próxima (FMPoG: 20,7%; FImig: 38,5%).

Através do teste de independência do Qui-quadrado e do teste V de Cramer, apenas foi evidenciada uma associação significativa entre a variável das vias de comunicação ( $p < 0,01$ ), não tendo sido observadas associações significativas na variável relação com outro progenitor/figura parental e relação dos seus filhos com outro progenitor/figura parental. Também se observou que a subamostra FImig engloba mais indivíduos que optam pela comunicação por telefone quando falam com os progenitores/figuras parentais.

Tabela 6.

*Relações parentais e filio-parentais segundo as subamostras*

	FMPoG <i>n</i> = 92 (78,0%)		FImig <i>n</i> = 26 (22,0%)		Total <i>N</i> = 118 (100%)		Testes Estatísticos	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%		
<b>Relação com o outro progenitor/figura parental</b>								
Nunca houve contacto	1	1,1	0	0	1	0,8	$\chi^2 = 10,434^{ns}$ $\phi_c = 0,307^{ns}$	
Cortaram relações	8	9,2	0	0	8	6,8		
Muito conflituosa	2	2,3	0	0	2	1,7		
Conflituosa	6	6,9	1	3,8	7	5,9		
Distante	23	26,4	3	11,5	26	22,0		
Cordial	25	28,7	10	38,5	35	29,7		
Próxima	15	17,2	3	11,5	18	15,3		
Muito próxima	7	8,0	7	26,9	14	11,9		
Não existe outro progenitor	1	1,1	2	7,7	3	5,9		
<b>Vias de comunicação preferenciais entre progenitores / figuras parentais</b>								
Comunicam face a face	18	20,2	4	15,4	22	18,6	$\chi^2 = 13,502^{**}$ $\phi_c = 0,350^{**}$	
Comunicam por telefone	30	33,7	13	50,0	43	36,4		
Comunicam por mensagem escrita	20	22,5	3	11,5	23	19,5		
Comunicam por email ou carta	7	7,9	0	0	7	5,9		
Comunicam por intermédio de terceiros	6	6,7	1	3,8	7	5,9		
Não estabelecem qualquer contacto	7	7,9	1	3,8	8	6,8		
Não existe outro progenitor	1	1,1	4	15,4	5	4,2		
<b>Relação do(s) seu(s) filho(s) com o outro progenitor/figura parental</b>								
Cortaram relações	2	2,3	0	0	2	1,7		$\chi^2 = 5,615^{ns}$ $\phi_c = 0,225^{ns}$
Muito conflituosa	1	1,1	0	0	1	0,8		
Conflituosa	1	1,1	0	0	1	0,8		
Distante	23	26,4	5	19,2	28	23,7		
Cordial	15	17,2	2	7,7	17	14,4		
Próxima	27	31,0	7	26,9	34	28,8		
Muito próxima	18	20,7	10	38,5	28	23,7		

Notas: *n* = número total de sujeitos;  $\chi^2$  = teste do Qui-Quadrado;  $\phi_c$  = V de Cramer; *p* = nível de significância; <sup>ns</sup> Não significativo; \**p* < 0,05; \*\**p* < 0,01; \*\*\**p* < 0,001.

Na Tabela 7, características, dificuldades e desafios da monoparentalidade das subamostras, afere-se que apesar de não existirem diferenças estatisticamente significativas entre as subamostras, relativamente à conciliação percebida entre trabalho e família, a média mais elevada situa-se na FImig (FMPoG:  $M = 6,37$ ; FImig:  $M = 6,81$ ).

Nas variáveis do tempo que o indivíduo tem para si próprio face ao tempo de trabalho e para a família (FMPoG:  $M = 2,25$ ; FImig:  $M = 2,90$ ) e idade à data do divórcio, separação ou viuvez (FMPoG:  $M = 35,75$ ; FImig:  $M = 31,55$ ), existem diferenças estatisticamente significativas entre as subamostras ( $p < 0,05$ ). Por sua vez, no tamanho do agregado (FMPoG:  $M = 2,50$ ; FImig:  $M = 3,50$ ) e número total de filhos (FMPoG:  $M = 1,41$ ; FImig:  $M = 2,00$ ), existem diferenças estatisticamente significativas entre as subamostras ( $p < 0,001$ ), situando-se a média mais elevada na FImig.

Por sua vez, nas variáveis cumprimento do acordo na residência/visitas, cumprimento do acordo da pensão de alimentos, nível de desafio que constitui a vivência da monoparentalidade e nível de desafio relacional com outro(s) progenitor(es) ou figura(s) parental(ais), verifica-se que apesar de não existirem diferenças estatisticamente significativas, a média mais elevada encontra-se na FMPoG, em detrimento da FImig.

Tabela 7.

*Características, dificuldades e desafios da monoparentalidade segundo as subamostras*

	FMPoG $n = 92$ (78,0%)	FImig $n = 26$ (22,0%)	Total $N = 118$ (100%)	Testes Estatísticos
	$M$ ( $DP$ ) $Min - Max$	$M$ ( $DP$ ) $Min - Max$	$M$ ( $DP$ ) $Min - Max$	$U$ de Mann- Whitney
Conciliação trabalho-família	6,37 (2,14) 1 - 10	6,81 (1,90) 2 - 9	6,44 (2,10) 1 - 10	$U = 606^{ns}$
Tempo para si próprio/a face ao tempo para o trabalho e para a família	2,25 (1,08) 1 - 5	2,90 (0,89) 1 - 5	2,37 (1,07) 1 - 5	$U = 598^*$
Tamanho do Agregado	2,50 (0,67) 1 - 5	3,50 (1,39) 2 - 8	2,72 (0,97) 1 - 8	$U = 629^{***}$
Número total de filhos	1,41 (0,60) 1 - 3	2,00 (0,75) 1 - 3	1,54 (0,68) 1 - 3	$U = 672^{***}$
Idade à data de divórcio, separação ou viuvez	35,75 (5,51) 22 - 54	31,55 (5,52) 20 - 39	35,26 (5,65) 20 - 54	$U = 277^*$
Cumprimento do acordo na residência/ visitas	3,36 (1,41) 1 - 5	2,38 (1,41) 1 - 5	3,25 (1,44) 1 - 5	$U = 149^{ns}$
Cumprimento do acordo da pensão de alimentos	3,66 (1,48) 1 - 5	3,50 (1,65) 1 - 5	3,64 (1,49) 1 - 5	$U = 311^{ns}$
Nível de desafio que constitui a vivência da Monoparentalidade	8,26 (1,83) 3- 10	7,58 (2,47) 1 - 10	8,11 (1,99) 1 - 10	$U = 1031^{ns}$
Nível de desafio relacional com outro(s) progenitor(es) ou figura(s) parental(ais)	6,96 (3,03) 1 - 10	5,82 (2,94) 1 - 10	6,78 (3,03) 1 - 10	$U = 611^{ns}$

Notas:  $n$  = número total de sujeitos;  $M$  = média;  $DP$  = desvio padrão;  $Min.$  = mínimo;  $Máx.$  = máximo;  $U$  = teste U de Mann-Whitney;  $p$  = nível de significância;  $^{ns}$  Não significativo;  $^*$   $p < 0,05$ ;  $^{**}$   $p < 0,01$ ;  $^{***}$   $p < 0,001$ .

Na Tabela 8, características relativas à rede de suporte das subamostras, afere-se que em ambas as subamostras a composição da rede de suporte nas tarefas de cuidar, educar e acompanhar os filhos incide sobre os pais/avós, havendo diferenças na distribuição das variáveis na subamostra FImig (FMPoG: 43,2%; FImig: 56,0%), com um  $p < 0,01$ . A subamostra FMPoG também conta com os pais/irmãos (22,2%) e com os amigos (FMPoG: 14,8%; FImig: 12,0%).

Nas tarefas onde é sentida uma maior necessidade de apoio, as respostas dividem-se, com maior proporção de indivíduos, na subamostra FImig, que carecem de apoio na gestão de tempo/horário + suporte emocional (FMPoG: 9,4%; FImig: 42,3%) e no acompanhamento escolar e educação (FMPoG: 10,6%; FImig: 26,9%), com um  $p < 0,001$ .

Tabela 8.  
*Características relativas à rede de suporte das subamostras*

	FMPoG		FImig		Total		Testes Estatísticos
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	
Composição da rede de suporte na(s) tarefa(s) de cuidar, educar e acompanhar o(s) filho(s) (a)							
Pais/Avós	35	43,2	14	56,0	49	46,2	$x^2 = 22,340^{**}$ $\varphi c = 0,459^{**}$
Irmãos	2	2,5	2	8,0	4	3,8	
Amigos	12	14,8	3	12,0	15	14,2	
Companheiro	0	0	1	4,0	1	0,9	
Familiares N/especificados	4	4,9	1	4,0	6	5,7	
Progenitor/Representante legal	3	3,7	1	4,0	4	3,8	
Tios/Primos	1	1,2	1	4,0	2	1,8	
Pais / Irmãos	18	22,2	1	4,0	19	17,9	
Pais / Amigos	6	7,4	1	4,0	7	6,6	
Em que tarefas é sentida uma maior necessidade de apoio							
Gestão de tempo/ Horário + suporte emocional	8	9,4	11	42,3	19	17,1	$x^2 = 29,993^{***}$ $\varphi c = 0,520^{***}$
Suporte instrumental no quotidiano	14	16,5	4	15,4	18	16,2	
Suporte instrumental na parentalidade	44	51,8	0	0	44	39,6	
Suporte material/financeiro	7	8,2	3	11,5	10	9,0	
Acompanhamento escolar e educação	9	10,6	7	26,9	16	14,4	
Outras	3	3,5	1	3,8	4	3,6	

Notas:  $n$  = número total de sujeitos;  $x^2$  = teste do Qui-Quadrado;  $\varphi c$  = V de Cramer;  $p$  = nível de significância; <sup>ns</sup> Não significativo; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$ .

Gerador de rede: Com que pessoas conta para o/a apoiarem na(s) tarefa(s) de cuidar, educar e acompanhar o(s) seu(s) filho(s)?

Na Tabela 9, características funcionais e relacionais-contextuais da rede de suporte das subamostras, afere-se que não existe diferença estatisticamente significativa entre as subamostras, ao nível de proximidade da rede com a família (FMPoG:  $M = 3,87$ ; FImig:  $M =$

3,46), nível de apoio percebido da rede de suporte (FMPoG:  $M = 3,95$ ; FImig:  $M = 3,85$ ) e satisfação com o apoio recebido da rede informal (FMPoG:  $M = 3,61$ ; FImig:  $M = 3,65$ ).

Na frequência de contacto com a rede de suporte, verifica-se a existência de diferença estatisticamente significativa entre as duas subamostras ( $p < 0,05$ ), salientando-se a média mais elevada na FMPoG em detrimento da FImig (FMPoG:  $M = 3,72$ ; FImig:  $M = 2,65$ ).

Tabela 9.

*Caraterísticas Funcionais e Relacionais-Contextuais da Rede de suporte das subamostras*

	FMPoG $n = 92$ (78,0%)	FImig $n = 26$ (22,0%)	Total $N = 118$ (100%)	Testes Estatísticos
	$M$ ( $DP$ ) $Min - Max$	$M$ ( $DP$ ) $Min - Max$	$M$ ( $DP$ ) $Min - Max$	<i>U de Mann-Whitney</i>
Proximidade da rede com a família	3,87 (1,42) 1 - 5	3,46 (1,58) 1 - 5	3,78 (1,46) 1 - 5	$U = 1035^{ns}$
Frequência de contacto com a rede de suporte	3,72 (1,51) 1 - 5	2,65 (1,55) 1 - 5	3,48 (1,58) 1 - 5	$U = 726^{***}$
Nível de apoio percebido da rede de suporte	3,95 (1,27) 1 - 5	3,85 (1,05) 1 - 5	3,92 (1,22) 1 - 5	$U = 1059^{ns}$
Satisfação com o apoio recebido da rede informal	3,61 (1,06) 1 - 5	3,65 (0,98) 1 - 5	3,62 (1,04) 1 - 5	$U = 1165^{ns}$

Notas:  $n$  = número total de sujeitos;  $M$  = média;  $DP$  = desvio padrão;  $Min.$  = mínimo;  $Máx.$  = máximo;  $U$  = teste U de Mann-Whitney;  $p$  = nível de significância;  $^{ns}$  Não significativo;  $^*p < 0,05$ ;  $^{**}p < 0,01$ ;  $^{***}p < 0,001$ .

Na Tabela 10 são apresentadas, de forma resumida, as principais características que se destacaram em cada variável analisada.

Tabela 10.

*Caraterísticas dominantes das subamostras*

Variáveis	FImig	FMPoG
Género	Feminino	Feminino
Grupo Etário	40 - 49	40 - 49
Estado Civil	Solteiro	Divorciado/separado
Habilitações Literárias	Curso superior (bacharelato, licenciatura)	Curso superior (bacharelato, licenciatura)
Situação Profissional	Empregado/a por conta de outrem	Empregado/a por conta de outrem
Dificuldades ao nível da conciliação trabalho-família	Conciliação do horário laboral com o horário escolar	Conciliação do horário laboral com o horário escolar
Tempo para si próprio/a face ao tempo para o trabalho e para a família	Tempo moderado	Muito pouco tempo / Pouco tempo
Tipo de monoparentalidade	Família monoparental simples	Família monoparental simples
Filhos	Membros fratrias	Membros fratrias
Viveu sempre uma situação de monoparentalidade?	Não	Não

Motivo da situação atual de monoparentalidade	Separação	Divórcio
Responsabilidades parentais	Confiadas a um dos progenitores / figura parental	Confiadas a um dos progenitores / figura parental
Principais Dificuldades da Monoparentalidade	Exercício solitário da monoparentalidade	Gestão do tempo/ Sobrecarga financeira
Principais Vantagens da Monoparentalidade	Reforço da proximidade parento-filial	Reforço da proximidade parento-filial
Relação com o outro progenitor/figura parental	Cordial	Cordial
Vias de comunicação preferenciais entre progenitores / figuras parentais	Contactam telefonicamente	Contactam telefonicamente
Relação do(s) seu(s) filho(s) com o outro progenitor/figura parental	Muito próxima	Próxima
Composição da rede de suporte na(s) tarefa(s) de cuidar, educar e acompanhar o(s) filho(s)	Pais/Avós	Pais/Avós
Em que tarefas é sentida uma maior necessidade de apoio	Gestão de tempo/ Horário + suporte emocional	Suporte instrumental na parentalidade

## Discussão e Conclusão

Com o presente estudo pretendeu-se analisar as características das famílias transnacionais e imigrantes lusófonas em Portugal com vivência monoparental, comparativamente a famílias monoparentais da população geral, para averiguar particularidades emergentes. Para o efeito, recorreu-se a uma amostra constituída por 118 participantes que engloba duas subamostras, sendo uma formada por indivíduos da população geral, designada por “FMPoG”, e outra onde se inserem indivíduos referentes a famílias transnacionais e imigrantes lusófonas com vivência monoparental, residentes em Portugal, designada por “FImig”.

De modo geral, verifica-se que a amostra é constituída na sua maioria por indivíduos do sexo feminino (92,4%), apresentando uma média de idades compreendida entre os 40-49 anos (55,1%). Estes resultados corroboram os dados estatísticos nacionais, onde se afere que em 2019 a maioria dos agregados familiares monoparentais residentes em Portugal são formados pelo sexo feminino (391,6 milhares de famílias), em detrimento do sexo masculino (67,8 milhares de famílias) (Pordata, 2020).

No que se refere à situação profissional dos indivíduos, verifica-se que a maioria está empregada por conta de outrem, tendo sido mencionada a conciliação do horário laboral com o horário escolar, como principal dificuldade ao nível da conciliação trabalho-família. Também se verifica que ambas as amostras pertencem ao tipo de famílias monoparentais simples, apesar de contarem com os pais/avós na sua rede de suporte nas tarefas de cuidar, educar e acompanhar os filhos.

Relativamente às principais diferenças encontradas entre as duas subamostras, observa-se que a subamostra FImig possui um maior número de inquiridos solteiros, enquanto que na subamostra FMPoG, predominam os divorciados/separados. Também se afere que a subamostra FImig apresenta maior tempo para si própria face ao tempo para o trabalho e para a família, em detrimento da FMPoG, que apresenta muito pouco tempo ou pouco tempo. Para além disso, também existem diferenças no motivo da situação atual de monoparentalidade, uma vez que a subamostra FImig menciona a separação enquanto que a FMPoG menciona o divórcio, assim como nas principais dificuldades da monoparentalidade, em que a FImig destaca o exercício solitário da monoparentalidade e a FMPoG destaca a gestão do tempo e a sobrecarga financeira. As tarefas em que estas famílias necessitam de mais apoio prendem-se com a gestão do tempo/horário + suporte emocional (FImig) e o suporte instrumental na parentalidade (FMPoG). Foram ainda assinaladas diferenças na relação dos filhos com o outro progenitor/figura parental, onde entre as FImig dominam relações muito próximas e na FMPoG relações próximas.

De modo mais detalhado, na subamostra FImig, pode observar-se que a mesma é formada por indivíduos do sexo feminino e com idades compreendidas entre os 40-49 anos, semelhante à dos indivíduos da subamostra FMPoG. À feminização da monoparentalidade (Wall et al., 2008; Pordata, 2020) acresce uma tendente predominância feminina na imigração, já que em 2018, as mulheres estrangeiras residentes em Portugal representavam 50,6% dos estrangeiros (SEF, 2019). No caso dos indivíduos da FImig que são casados, era o marido o elemento que não se encontrava a viver com a família, sendo a experiência de vivência monoparental em famílias transnacionais eminentemente feminina.

As habilitações literárias da subamostra FImig são elevadas, tendo mais de 2/3 cursos de ensino superior, o que corrobora o estudo de Vaz e Relvas (2002), onde os inquiridos das famílias monoparentais possuem um nível de escolaridade elevado. Por sua vez, este resultado difere do resultado obtido por Fonseca et al. (2005), que menciona que os indivíduos que nasceram nos PALOP apresentam habilitações literárias mais baixas (20% têm menos de 4 anos de escolaridade) do que os que nasceram na Europa do Leste, Brasil e países asiáticos, sendo tendentes a aumentar nas gerações seguintes. Talvez esta variável determine em parte a motivação da migração, pois é apontada a procura de educação e saúde para os filhos.

Quanto à situação profissional da subamostra FImig, observa-se que a maioria se encontra empregada por conta de outrem, o que corrobora o estudo realizado por Wall (2003), onde a maioria das mães das famílias monoparentais estavam empregadas. O facto de os indivíduos contarem com um emprego, estabilidade laboral e a capacidade de sustentar a família contribui

para uma futura reunificação familiar (Cho & Allen, 2019; Fonseca et al., 2005; Hennebry & Preibisch, 2012), sendo o desemprego potenciador de risco de pobreza em famílias que dependem de um único rendimento (Guadalupe et al., 2015). Não é, por isso, estranho que quem integre a FImig aponte dificuldades associadas à falta de trabalho e à burocratização.

A maioria dos inquiridos da subamostra FImig afirma que é uma família monoparental simples, encontrando-se em minoria o tipo de família monoparental múltipla e sem coabitação com filhos, tal como descrito no estudo de Marinho (2014), onde 75,8% das famílias monoparentais vivem sem outras pessoas no agregado familiar. No que concerne ao número de filhos, a maioria dos inquiridos da subamostra FImig referiu ter mais do que um filho (membros fratrias). Enumerando os motivos da situação atual de monoparentalidade, a subamostra FImig identificou a separação como principal motivo, seguida do facto de ter tido filhos fora de uma relação e de ter recorrido à adoção singular, o que revela a relevância da maternidade independentemente da situação conjugal. Já a ruptura conjugal tem impacto nos vários membros da família de diferentes formas, sendo referido que os filhos poderão experienciar dificuldades no seu desenvolvimento socio-emocional e saúde mental, levando a que sintam vergonha, preconceito, perda de apoio social, medo ou traumas, privação emocional e financeira (Bornstein et al., 2020; Dreby, 2015; Falicov, 2016; Rojas-Flores et al., 2017).

Podem identificar-se várias dificuldades no exercício da monoparentalidade. A maioria dos inquiridos da subamostra FImig refere o exercício solitário da monoparentalidade, enquanto que a subamostra FMPoG refere a gestão do tempo / sobrecarga financeira enquanto principais dificuldades. A este respeito, Baliana (2013) afirma que tais aspetos são nefastos para as mulheres, pois, refletem-se no ambiente familiar, profissional e emocional, levando-as a sentirem-se abandonadas. Nas dificuldades ao nível da conciliação trabalho-família verifica-se que a maioria dos inquiridos das subamostras FImig e FMPoG referem a conciliação do horário laboral com o escolar, uma vez que não partilham as tarefas quotidianas com outro educador, o que resulta em uma sobrecarga de funções e de vulnerabilidade social (Alarcão, 2006; Carvajal, 2014).

Neste sentido, a maioria dos inquiridos da subamostra FImig refere que as tarefas onde sente uma maior necessidade de apoio engloba a gestão do tempo/horário e o suporte emocional, enquanto que a subamostra FMPoG refere o suporte instrumental na parentalidade, ou seja, o apoio em situações de emergência, alimentação, tarefas diárias, transportes e apoio em atividades extracurriculares. De acordo com Alarcão (2006), a ausência de subsistema conjugal diminui o espaço de relaxamento e de suporte emocional na resolução de problemas, sobretudo os relacionados com a escola e com o acompanhamento dos filhos.

Assim, assume enorme importância conhecer o sistema de suporte social dos inquiridos na realização e apoio de tarefas de cuidar, educar e acompanhar o(s) filho(s), sendo este constituído por laços familiares, designadamente pelos pais/avós. As redes sociais e familiares, assim como as redes secundárias ligadas a serviços de migração ou serviços sociais, têm vindo a assumir relevância na evolução dos fluxos migratórios, em processos de reunificação familiar (Bäckström, 2010; Bornstein et al., 2020), pois são essenciais tanto a nível financeiro, social e emocional, uma vez que garantem estabilidade, transmissão das práticas culturais e valores e a possibilidade de conciliar ou manter a profissão dos inquiridos (Fonseca et al., 2005). Potenciam também a aculturação, potenciando o apoio emocional, a companhia social, o apoio material, ou o acesso aos serviços e a novos contactos e resolução de conflitos (Dantas, 2017).

Neste sentido, um dos inquiridos afirma o seguinte, sublinhando as dificuldades da monoparentalidade acrescidas das associadas à emigração e à reconstrução das redes primárias: “Se ser pai e mãe no seu país de origem é desafiador, ser pai e mãe dentro do fenómeno das migrações é muito mais; se fazer amigos no seu país pode ser difícil, em outro país pode ser muito mais; por fim, se o fenómeno das migrações é complexo, experienciar ele é muito mais”.

Para colmatar as dificuldades, os inquiridos de ambas as subamostras realçam que as vantagens da monoparentalidade passam pelo reforço da proximidade parento-filial, o que pode ser comprovado pelo facto da principal via de comunicação entre progenitores ou figuras parentais ser realizada através do telefone, mostrando que conseguem ter uma relação cordial com o outro progenitor ou figura parental, em prol do(s) filho(s). Este resultado difere dos estudos realizados por Ahrons (2007) e Cloutier et al. (2006), onde a comunicação parento-filial é um dos aspetos mais afetados durante o processo de separação ou divórcio, que a longo prazo pode causar distanciamento ou relações de conflito baseados numa comunicação ineficaz. Também é mostrado através da relação do(s) filho(s) com o outro progenitor / figura parental, que é muito próxima (FImig) ou próxima (FMPoG).

Em suma, este estudo pretendeu analisar as principais características e desafios das famílias transnacionais e imigrantes com vivência monoparental oriundas da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e das famílias monoparentais residentes em Portugal, tendo-se aferido que a maioria dos inquiridos da subamostra FImig imagina que a sua situação familiar daqui a dois anos será melhor do que atualmente, mostrando que apesar das dificuldades, foram bem acolhidas e integradas na comunidade portuguesa, destacando as estratégias utilizadas, tais como o contacto com amigos e o convívio com pessoas de outras comunidades, revelando a importância da rede social na integração comunitária.

No que concerne às principais limitações do estudo, são de realçar o tamanho da subamostra FImig ( $n = 26$ ), pois, corresponde a uma amostra peculiar (famílias transnacionais e imigrantes lusófonas com vivência monoparental). Apesar da definição dos critérios de recolha de dados para a amostra de famílias imigrantes com vivência monoparental, emergiram respostas de famílias transnacionais nas mesmas condições, no entanto, o inquérito não previu a distinção destas duas tipologias, não sendo possível identificar no estudo qual o número de famílias em cada uma destas categorias. Seria interessante complementar o estudo com metodologias qualitativas, usando entrevistas em profundidade com esta população com características idiossincráticas, por forma a evidenciar as suas particularidades e trajetórias para melhor compreender os desafios que enfrentaram e enfrentarão. Outra limitação refere-se ao facto das subamostras serem homogéneas, ou seja, apresentam características semelhantes. Desse modo, em futuras investigações sugere-se que as subamostras sejam mais amplas e mais heterogéneas, de modo a observar uma maior representatividade de cada situação familiar.

Sintetizando, não obstante a amostra total apresentar um perfil homogéneo, foi possível identificar algumas particularidades nas características de ambas as subamostras. Designadamente porque a FImig é formada por mulheres que declaram que dispõem de algum tempo para si próprias para além do tempo para o trabalho e para a família, cujo motivo da situação de monoparentalidade foi a separação do seu cônjuge, o que originou o exercício solitário da monoparentalidade, tendo-se refletido na necessidade de maior apoio na gestão do tempo / horário e suporte emocional.

O acesso e a diversidade de fontes de suporte social é maior na FPoG. Apesar disto, o apoio percebido é valorizado de forma idêntica entre as sub-amostras. No caso da migração e da transnacionalidade familiar, a ausência de outros membros da família próxima e de uma rede primária, dificulta o acesso a fontes de suporte que poderiam colmatar algumas dificuldades, assim como influenciar negativamente o bem-estar do imigrante. A reorganização familiar, lidar com a saudade e a esperança por dias melhores são desafios atravessados por estas famílias. As ferramentas de comunicação passam a ser indispensáveis e importantíssimas na manutenção dos vínculos e do bem-estar.

As famílias migrantes e as famílias transnacionais apresentam atributos e dinâmicas que necessitam ser consideradas pela sociedade de acolhimento e, especialmente, pelos vários profissionais que agem com estas pessoas ou com o fenómeno migratório.

No entanto, mesmo tendo encontrado as famílias transnacionais só no decorrer da amostra, afere-se sobretudo a existência de um conjunto de características, dificuldades e desafios comuns que as famílias com vivência monoparental tendem a apresentar, independentemente

da sua situação ser de uma família transnacional/imigrante ou de uma família residente em Portugal.

### Referências Bibliográficas

- Achotegui, J. (2008). Migración y crisis: El síndrome del inmigrante con estrés crónico y multiple (síndrome de Ulises). *Avances en Salud Mental Relacional*, 7(1), 1-22. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2582132>
- Ahrons, C. (2007). Family ties after divorce: Long-term implications for children. *Family Process*, 46(1), 53-65. <https://doi.org/0.1111/j.1545-5300.2006.00191.x>
- Alarcão, M. (2006). (Des)equilíbrios Familiares (3ª ed). Quarteto Editora.
- Amin, I., & Ingman, S. (2014). Eldercare in the transnational setting: Insights from Bangladeshi transnational families in the United States. *Journal of Cross-cultural Gerontology*, 29(3), 315-328. <https://doi.org/10.1007/s10823-014-9236-7>
- Bäckström, B. (2010). O acesso à saúde e os factores de vulnerabilidade na população imigrante. *Alicerces*, 3(3), 79-90. <http://hdl.handle.net/10400.21/642>
- Baganha, M., & Góis, P. (1999). Migrações internacionais de e para Portugal: O que sabemos e para onde vamos? *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52/53, 229-280. <http://hdl.handle.net/10316/10903>
- Baliana, L. (2013). *Monoparentalidade feminina e seus desafios: Um estudo exploratório*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, Portugal.
- Barudy, J. & Dantagnan, M. (2006). *Los buenos tratos a la infancia: parentalidad, apego y resiliencia*. Barcelona: Gedisa.
- Becker, A. & Borges, L. (2015). Dimensões psicossociais da imigração no contexto familiar. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 35(88), 126-144. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v35n88/v35n88a09.pdf>
- Becker, A., Borges, L., & Crepaldi, M. (2017). Imigração e dinâmica familiar: uma revisão teórica. *Psicologia em Revista + Dossiê - Psicossociologia do Trabalho*, 23(1), 160-181. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2017v23n1p160-181>

- Bonizzoni, P., & Leonini, L. (2013). Shifting geographical configurations in migrant families: Narratives of children reunited with their mothers in Italy. *Comparative Population Studies*, 38(2), 465-498. <https://doi.org/10.4232/10.CPoS-2013-01en>
- Bornstein, M., Bohr, Y., & Hamel, K. (2020). *Immigration, acculturation, and parenting*. [online]. <http://www.child-encyclopedia.com/immigration/according-experts/immigration-acculturation-and-parenting>
- Borrego, B. (2016). *Demografia da População Imigrante em Portugal. Apoio e oposição à imigração em Portugal numa perspetiva comparada*. [online]. <https://ec.europa.eu/migrant-integration/?action=media.download&uuid=8ED870DB-9616-3768-EE8BCB38845BE017>, consultado a 27 de abril de 2020.
- Caplan, S. (2007). Latinos, acculturation, and acculturative stress: A dimensional concept analysis. *Policy, Politics, & Nursing Practice*, 8(2), 93-106. <https://doi.org/10.1177/1527154407301751>
- Carvajal, J. (2014). Las familias transnacionales. *Revista Espacios Transnacionales*, 2. [online]. <http://espaciostransnacionales.org/wp-content/uploads/2014/11/6-Familias-Transnac.pdf>
- Cho, E., & Allen, T. D. (2019). The transnational family: A typology and implications for workfamily balance. *Human Resource Management Review*, 29(1), 76-86. <https://doi.org/10.1016/j.hrmr.2018.01.001>
- Claude, C. (2005). La parentalidad: controversias en torno de un problema público. *La Ventana, Revista de Estudios de Género*, 3(22), 7-34. [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1405-94362005000200007&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-94362005000200007&lng=es&nrm=iso)
- Cloutier, R., Fillion, L., & Timmermans, H. (2006). *Quando os pais se separam... Para melhor lidar com a crise e ajudar a criança*. Climepsi.
- Franken, I., Coutinho, M., & Ramos, N. (2008). Migração, qualidade de vida e saúde mental: Um estudo com brasileiros migrantes. In Ramos, N. (Org.). *Saúde Migração e Interculturalidade: Perspectivas teóricas e praticas*. Editora Universitária. UFPB.
- Dantas, S. (2017). Saúde mental, interculturalidade e imigração. *Revista USP*, 114, 55-70. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i114p55-70>
- Dreby, J. (2007). Children and power in Mexican transnational families. *Journal of Marriage and Family*, 69(4), 1050-1064. <https://www.jstor.org/stable/4622507?seq=1>
- Dreby, J. (2015). U.S. immigration policy and family separation: The consequences for children's well-being. *Social Science & Medicine*, 132, 245-251.

<https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2014.08.041>

- Estevinho, M. (2012). *Os médicos porque esperamos...!* (Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal).
- Falicov, C. (2016) Migration and the family life cycle. In McGoldrick, M., Garcia-Preto, N., & Carter, B. (Eds.), *The expanded family life cycle: Individual, family and social perspectives* (5.<sup>a</sup> ed.). Allyn & Bacon.
- Fonseca, M., Ormond, M., Malheiros, J., Patrício, M., & Martins, F. (2005). *Reunificação familiar e imigração em Portugal*. ACIME. [online]. [https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/177157/Estudo\\_OI\\_15.pdf/ac714494-8c6c-434e-b207-1b184a4331f4](https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/177157/Estudo_OI_15.pdf/ac714494-8c6c-434e-b207-1b184a4331f4)
- Franken, I., Coutinho, M., & Ramos, M. (2012). Representações sociais, saúde mental e imigração internacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(1), 202-219. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000100015>
- Gois, P., & Marques, J. (2016). *A emigração portuguesa e o sistema migratório lusófono: Complexidade e dinâmicas de um país de migrações*. Madrid: Universidad Pontificia Comillas. <http://hdl.handle.net/10400.8/1759>
- Gonzálvez, H. (2007). Familias y hogares transnacionales: Una perspectiva de género. Puntos de Vista. *Cuadernos del Observatorio de las Migraciones y de la Convivencia Intercultural de la Ciudad de Madrid*, 11, 7-26.
- Grassi, M., & Vivet, J. (2015). Cuidar das crianças entre Angola e Portugal: A parentalidade nas famílias transnacionais. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 79, 85-108. <https://journals.openedition.org/spp/2250>
- Guadalupe, S., Tavares, S., & Monteiro, R. (2015). Redes de suporte social e (in)acesso a direitos em famílias monoparentais femininas. *Serviço Social em Revista*, 17(2), 41-63. <http://dx.doi.org/10.5433/1679-4842.2015v17n2p41>
- Hennebry, J., & Preibisch, K. (2012). A model for managed migration? Re-examining best practices in Canada's seasonal agricultural worker program. *International Migration*, 50(s1), e19–e40. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2435.2009.00598.x>
- Malheiros, J., Bógus, L., Pinho, F., Peixoto, J., Figueiredo, A., Padilla, B., Rossi, P., Schiltz, A., Silva, S., Machado, I., Carneiro, R., Cristovao, F., Chelius, L., & Casa do Brasil de Lisboa. (2007). *Imigração brasileira em Portugal*. Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- Marinho, S. (2014). Famílias monoparentais: Linhas de continuidade e de mudança. In Delgado, A., & Wall, K. (Eds), *Famílias nos Censos 2011: Diversidade e Mudança*.

(pp. 177-193). Imprensa de Ciências Sociais.

- Marques, F. & Sousa, L. (2011). Trajetórias e vida de pessoas idosas ex-emigrantes Portugueses: A construção da integridade familiar. *Revista Kairós Gerontologia*, 14(4), 3-24. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2011v14i3p3-24>
- Mazzucato, V., Cebotari, V., Veale, A., White, A., Grassi, M., & Vivet, J. (2015). International parental migration and the psychological well-being of children in Ghana, Nigeria, and Angola. *Social Science & Medicine*, 132, 215-224. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2014.10.058>
- Muhlen, B., Dewes, D., & Leite, J. (2010). Stress e processo de adaptação em pessoas que mudam de país: Uma revisão de literatura. *Ciência em Movimento*, 12(24), 59-68. <https://doi.org/10.15602/1983-9480/cmbs.v12n24p59-67>
- Parreñas, R. (2001). Mothering from a distance: Emotions, gender, and inter-generational relationships in Filipino transnational families. *Feminist Studies*, 27(2), 361-390. <https://doi.org/10.2307/3178765>
- Parreñas, R. (2005). *Children of global migration: Transnational families and gendered woes*. Stanford University Press.
- Peixoto, J. (2004). País de emigração ou país de imigração? Mudança e continuidade no regime migratório em Portugal. *Socius Working Papers*, 2, 1-27. <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2028>
- Pereira, S., & Siqueira, S. (2013). Migração, retorno e circularidade: evidência da Europa e Estados Unidos. *REMHU - Revista Interdisciplinar Da Mobilidade Humana*, XXI(41), 117-138. <https://doi.org/10.1590/S1980-85852013000200007>
- PORDATA. (2020). *Base de dados de Portugal Contemporâneo. Emigrantes: total e por tipo*. [online]. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Portes, A. (2005). *Migrações internacionais: Origens, tipos e modos de incorporação*. Celta Editora.
- Ramos, N. (2006). Migração, aculturação, estresse e saúde. Perspetivas de investigação e de intervenção. *Psychology*, 41, 329. <http://hdl.handle.net/10400.2/6833>
- Risson, A. (2019). Famílias migrantes e famílias transnacionais. [online]. *Revista Subjectiva*. <https://medium.com/revista-subjetiva/fam%C3%ADlias-migrantes-e-fam%C3%ADlias-transnacionais-f840e7718cbb>
- Rojas-Flores, L., Hwang Koo, J., & Clements, M. (2017). Trauma and psychological distress in Latino citizen children following parental detention and deportation. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice and Policy*, 9(3), 352-361.

<https://doi.org/1037/tra0000177>

- Schmalzbauer, L. (2004). Searching for wages and mothering from afar: the case of Honduran transnational families. *Journal of Marriage and Family*, 66, 1317-1331. <https://doi.org/10.1111/j.0022-2445.2004.00095.x>
- Schuler, F., & Dias, C. (2016). Famílias Transnacionais: Um estudo sobre filhos envolvidos na migração materna. *Atas CIAIQ - Investigação Qualitativa em Saúde*, 2, 1020-1028. <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/850/836>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. (2019). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2018*. [online]. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. <https://www.sef.pt/pt/pages/conteudo-detalhe.aspx?nID=92>
- Sluzki, C. (1979). Migration and family conflict. *Family Process*, 18(4), 379-390.
- Sluzki, C. (1998). Migration and the disruption of the social networks. In McGoldrick, M. (Ed.), *Re-Visioning family therapy – Race, culture and gender in clinical practice* (pp. 360-369). Guilford Press.
- Sousa, C. & Gonçalves, G. (2015). Imigrantes e sociedade de acolhimento: Percepções e realidades no caso de Portugal. *Psicologia & Sociedade*, 27(3), 548-557. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p548>.
- Tavares, J. (2010). *Migrantia: Caracterização da imigração em Portugal*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, Portugal).
- Vaz, C., & Relvas, A. (2002). Monoparentalidade: Uma família à Parte ou parte de uma família? In Relvas, A., & Alarcão, M. (Eds.), *Novas formas de família* (pp. 245–298). Quarteto Editora.
- Wall, K., Nunes, C., & Matias, A. (2008). Mulheres imigrantes e novas trajetórias de migração: Um croché transnacional de serviços e cuidados no feminino. In Cabral, M., Wall, K., Aboim, S. e Silva, F. (Eds.), *Itinerários: A investigação nos 25 anos do ICS*. (pp. 603-622). Imprensa de Ciências Sociais.
- Wall, K. (2003). Famílias monoparentais. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, 51-66. [www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0873-65292003000300005&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292003000300005&lng=pt&tlng=pt).
- Ximena, C. (2005). *Depresión en adolescentes hijos de padres migrantes; estudiantes de octavo, noveno e décimo años de educación básica de los Colegios mixtos Jorge Icaza y del Instituto de Investigación, Educación y Promoción Popular del Ecuador (Inepe) del Sur Occidente de Quito*. (Tese de Doutoramento, Universidad Central del Ecuador, Quito).

- Zapata, M. (2009). Familia transnacional y remesas: Padres y madres migrantes. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 7(2), 1749-1769.  
<https://www.redalyc.org/pdf/773/77314999024.pdf>
- Zentgraf, K., & Chinchilla, N. (2012). Transnational family separation: A framework for analysis. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 38(2), 345-366.  
<https://doi.org/10.1080/1369183X.2011.646431>